
PREDECESSORES DA TRÍADE — "O SIMBÓLICO, O IMAGINÁRIO E O REAL"

Jacques Laberge

O presente número da revista **Veredas** publica o trabalho da tradução feita por Jacques Bourgeois e por Paulo Medeiros do texto de Lacan, "*Le Symbolique, l'Imaginaire et le Réel*". Este texto foi apresentado a 8 de julho de 1953, na primeira sessão científica da nova "Sociedade francesa de Psicanálise", momento oficial de ruptura com a Sociedade psicanalítica de Paris. Embora considerado por Lacan uma introdução ao Discurso de Roma (que ele proferiu em fins de setembro de 1953 e intitulou "*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*"), o texto "*O Simbólico, o Imaginário e o Real*" vai muito além da mera introdução. Freud lançou duas tríades: sua primeira tópica, de 1900 — Inconsciente, Pré-consciente, Consciente; e sua segunda tópica, de 1920 — Id, Ego, Super-ego. Lacan recorre a elas constantemente, e sem dúvida se inspira nelas para elaborar a tríade que a prática analítica reclama. Em julho de 1953, ele introduz simbólico-imaginário-real, tríade que vai usar sistematicamente até o fim de sua obra e que vai se tornar o instrumento privilegiado de trabalho de legiões de analistas. Daí a suprema importância deste texto.

É eminentemente a partir do texto de Freud que Lacan elabora sua tríade. O imaginário remete ao narcisismo, à fantasia; o simbólico, ao tratamento pela fala,

ao representante da representação, ao Mito Edípico; e o real remete ao recalque originário, gerando a impossibilidade de dizer a verdade toda, e também, ao trauma e aos fenômenos psicóticos, que escapam à representação. Se Freud se destaca como "O" predecessor de Lacan, este último, para criar sua tríade, vai precisar da contribuição de outros autores.

1) *Do simbólico*

Comenta-se, habitualmente, que Lacan esconde suas fontes a respeito de muitas de suas noções, como, por exemplo, do imaginário e do real. Quanto ao simbólico, este jogo de esconde-esconde se revelava difícil porque a publicação, em 1949, das "*Estructuras elementares do parentesco*" (de Lévi-Strauss) teve enorme repercussão. Elisabeth Roudinesco, em seu livro publicado por Fayard em 1993, e intitulado "*Jacques Lacan*", traz, a respeito da tríade, informações que aproveitaremos agora. A proibição do incesto como passagem da natureza à cultura e o primado do princípio patrilinear levaram Lacan a renovar a abordagem do Édipo. Em sua "*Intervenção sobre a exposição de Lévi-Strauss*", publicada pelo "Bulletin de la Société française de philosophie" em 1956 (3,113-119), Lacan se reconhece como "sustentado e levado pelo discurso de Lévi-Strauss". A partir de 1949, os

dois homens se conheceram e se tornaram grandes amigos por alguns anos, a arte e a literatura ocupando o essencial de suas conversas. Lévi-Strauss já estudava os textos de Freud e chegou, posteriormente, a frequentar o meio psicanalítico de Nova-York. Em 1949, ele publicou também dois outros textos: "*O feiticeiro e sua magia*" e "*A eficácia simbólica*". Ambos se encontram em *Antropologia estrutural* (Paris, Plon, 1958). Do primeiro, destacamos esta afirmação sobre o homem "dilacerado entre dois sistemas de referência, aquele do significante e aquele do significado" (203). Do segundo, a comparação entre psicanálise e tratamento shamânico. Este, "a meio caminho entre nossa medicina orgânica e (...) a psicanálise" é ilustrado pela liberação de uma mulher grávida em dificuldade de parto, destacando o "mito social que o doente recebe do exterior" em contraste com a psicanálise e seu "mito individual que o doente constrói com a ajuda de elementos tirados de seu passado" (219-220). Neste segundo texto, o autor chega a questionar os psicanalistas que privilegiam os "acontecimentos reais" em lugar das "constelações psíquicas" que constituem um "mito": "O inconsciente cessa de ser o inefável refúgio das particularidades individuais (...) Reduz-se (...) à função simbólica (...) que, em todos os homens, se exerce conforme as mesmas leis" (223-224). Roudinesco comenta que "Com a entrada em cena do pensamento levi-straussiano, Lacan encontrava, enfim, a solução teórica para uma refundição de conjunto da doutrina freudiana (...) O inconsciente escapava em grande parte à impregnação biológica onde Freud o havia ancorado (em linha

direta com a herança do darwinismo), para ser designado como uma estrutura de linguagem"; o *Ich* escapava de todas as concepções psicológicas construídas pelos neo-freudianos e se achava cindido entre "un moi et un je" (R,283).

A leitura de Lévi-Strauss, abrindo à teorização do inconsciente em termos de estrutura, revelava a Lacan o impasse de sua tentativa de renovar o freudismo pela filosofia. A influência de Lévi-Strauss foi decisiva para lutar contra a biologização da psicanálise, mas, também, para evidenciar a inadequação da filosofia como instrumento desta luta. Ambos os autores concordam sobre a importância do "mito" constituído pelas "constelações psíquicas" em detrimento de "acontecimentos reais". Mas, se Lévi-Strauss se interessa pelo "mito social", Lacan se ocupa do "mito individual". Contrário ao médico ou ao shamam, o analista precisa ignorar o que sabe para dirigir ao analisante uma fala que lhe diz respeito particularmente. Somente assim, algo novo pode surgir em uma análise. Lacan insiste na singularidade, na particularidade do sujeito, e isso em vários de seus textos, por exemplo, no início da segunda parte do texto de 1953 "*O mito individual do neurótico*", e também em 1955, nos artigos "*Variantes do tratamento típico*" e "*A coisa freudiana*" (E.349 e 359). Que o analista se interesse pelo sintoma social e sua incidência sobre o sintoma singular do analisante, não será algo decisivo no tratamento analítico. Importa que o sintoma seja alí considerado como fenômeno de uma história particular. A fala do analisante e a intervenção do analista terão efeito de sujeito, efeito de castração simbólica, enquanto possam focalizar algo da singularidade do sujeito.

Não podemos deixar de evocar, a respeito do simbólico, a figura de Ferdinand de Saussure. A importância de seu *Curso de linguística geral* foi revelada a Lacan inicialmente em redor de 1930, por Delacroix e seu livro "*A linguagem e o pensamento*", e pelo psicanalista e gramático Edouard Pichon. Esse era respeitado por Lacan, que aproveitou, tanto de sua noção de forclusão, para melhor especificar o mecanismo da psicose, quanto de seu artigo de 1928 "A significação psicológica da negação em francês", para abordar a questão do sujeito da enunciação. Roudinesco nos lembra porém que, na história de Lacan, "a tomada em conta real do sistema saussuriano, isto é dos princípios da linguística estrutural, data do encontro com a obra de Lévi-Strauss" (R,275).

A teorização "estrutural" de Lacan passará por uma segunda etapa a partir de 1957 com Jakobson e sua referência à metáfora e à metonímia. Mas, em 1953, cabe a Lévi-Strauss a presença marcante. O antropólogo ajuda o psicanalista a descolar a psicanálise de qualquer concepção biológica e a desprendê-la da medicina.

2) *Do imaginário*

A propósito do imaginário, Lacan, em seu artigo de 1948 sobre *A agressividade em psicanalyse*, cita Henri Wallon. Mas ele não menciona as teses de seu livro "*As origens do caráter na criança*", publicado em 1934 por Boivin e Cie em Paris. Wallon, ali, aborda a experiência do espelho entre seis e oito meses, como reconhecimento e unificação do eu no espaço, neste rito de passagem do especular ao imaginário, e depois, do imaginário ao simbólico.

3) *Do real*

E sobre um autor, grande amigo e companheiro das horas difíceis, escritor que o encorajou a escrever, e que influenciou sua obra, Lacan guarda o mais completo silêncio. Excluído como o real que este homem anuncia. Seu nome não é nem mencionado nos *Escritos*, e, paradoxalmente, após o nome do Freud, é o mais citado no livro de Roudinesco sobre Lacan. Ele seria, conforme ela, o precursor da noção do real lacaniano. Seu nome: Georges Bataille.

Infelizmente, ainda não fiz o estudo deste autor que meu interesse particular pelo tema do real, exige. Limiteme, por enquanto, à leitura do livro de Roudinesco.

Leitor de Freud, de Marx e da "*Psychopatia sexualis*" de Krafft-Ebing, Bataille participou em 1931 da apresentação de doentes de Georges Dumas no hospital Sainte-Anne. Sua análise com Borel lhe teria permitido, apesar e através da perpetuação de sua queixa de "violência intelectual", de redigir sua "História do olho". Não somente Bataille introduziu Lacan a Sade e à noção de gozo, abrindo um prolongamento da concepção freudiana, mas, com os surrealistas, ele o inspirou para a idéia de "suplemento" à propósito do gozo feminino, ajudando Lacan a matizar o falicismo original que ele mantém com Freud contra Jones (R,477).

A abordagem do real por Bataille passa pela sua oposição inicial ao hegelianismo ao qual ele contrapõe a "teologia gnóstica" e "seu gosto pelas trevas e pelo culto de uma matéria baixa, estranha a qualquer ideal racional" (R,135). Por outro lado, animado de um

"espírito de dissidência absoluta remetendo ao desastre do mundo", isto em oposição à lógica racional, Bataille segue os passos de Sade e de Nietzsche, figuras emblemáticas de uma "cruzada sacrificial" onde a "monstruosidade integral" "afirmava a onipotência do sonho sobre a consciência, da despossessão sobre o domínio, do impossível sobre o possível" (R,182). Bataille faz apelo à heterologia, termo que em anátomo-patologia designa tecidos mórbidos estranhos aos demais tecidos. A heterologia, como "ciência do inassimilável, do irrecuperável, dos dejetos ou dos 'restos'", questiona "uma filosofia reduzindo tudo ao pensável" e "qualquer sistema filosófico", sempre associado a uma "representação homogênea do mundo". "A serviço da excreção" e da "reivindicação das satisfações violentas implicadas pela existência social", a heterologia privilegiava "o despertar em cada sujeito de uma 'parte maldita'" (R,186). Roudinesco observa que Lacan "tomou emprestado a Bataille suas reflexões sobre o *impossível* e sobre a *heterologia*, de onde tirou o conceito de *real* como "resto", e depois como "impossível" (R,188).

Embora Bataille, depois de 1930, modifique sua oposição a Hegel, esta oposição inicial é significativa. Quanto a Lacan, ele reconhece o papel decisivo de Hegel sem deixar de questioná-lo. Justamente o Discurso de Roma (de 1953), no início da terceira parte, recorre às figuras da "bela alma" e do "Senhor e do escravo" para qualificar princípios freudianos como hegelianos. Mas, Lacan critica a primazia do imaginário em Hegel, por exemplo na luta à morte entre Senhor e escravo e na concepção do saber absoluto. Esta crítica (ver o texto "*O mito individual do neurótico*", de 1953) parte do

simbólico ao qual, nesta época, Lacan atribui a primazia. Mas, a reserva de Bataille em relação à filosofia, em geral, e à filosofia hegeliana, em particular, isto é, sua censura a esta posição imaginária, parte, não do simbólico, mas, e isto é relevante, da referência ao real.

Um outro aspecto do real em Bataille passa pela abordagem do sexo da mulher. Seu livro "*Madame Edwarda*" destaca esta mulher, "símbolo de uma França puta e imunda, exibindo seus trapos e suas chagas em um bordel da rua Saint-Denis e tomando-se por Deus" (R,224). Roudinesco observa que Lacan critica sempre as mães, mas permanece fascinado pelas místicas e pelas loucas. Após seu encontro com Bataille e sua leitura de "*Madame Edwarda*", Lacan aborda o sexo da mulher como "um lugar de horror, um buraco escancarado, uma 'coisa' dotada de uma oralidade extrema, de uma essência desconhecível (*inconnaissable*): um real, uma heterologia" (R,478). Este comentário aparece em 1955 no Seminário II sobre *O eu* a respeito do sonho de Freud "a injeção à Irma". Este sonho gira em redor da culpa de Freud, por fracassos de seu trabalho de analista e de seu atendimento como médico (morte de sua paciente Mathilde). Mas, Lacan comenta que Freud se confronta propriamente com a culpa por ter inventado a psicanálise, por ter ultrapassado limites, enfim, por ser assim um transgressor. Por outro lado, creio que não podemos deixar de aludir à culpa envolvendo questões da sexualidade de Freud, pois ele diz que não quer revelar outras associações e interrompe sua interpretação do sonho. Mas o que chama a atenção no comentário de Lacan, é este algo "inominável, o fundo desta garganta, com forma complexa,

insituável, que faz dele tanto o objeto primitivo por excelência, o abismo do órgão feminino de onde sai toda vida, quanto o abismo da boca, onde tudo é tragado, e também, a imagem da morte onde tudo vem terminar (...) revelação do real naquilo que tem de menos penetrável, do real sem nenhuma mediação possível, do real último" (SII,196). Lacan associa então dois buracos, mais precisamente dois abismos, do sexo da mulher, da morte, quando se esbarra no limite do irrepresentável, e deve recorrer ao buraco boca-garganta para representar estes dois abismos. A criança acha insuportável tanto a visão da mãe privada do penis quanto a visão de um ser vivente privado de vida. Aliás, para a mulher como para a morte, não há como tal uma representação no inconsciente. Por isto, o texto fala aqui do real. Bataille anuncia este real. Cabe porém a Lacan a trabalhosa articulação ao simbólico e ao imaginário em relação ao inconsciente.

E falando de mulher, não esqueçamos que a mulher na vida de Jacques Lacan e que vai-se tornar sua segunda esposa (justamente em 1953), havia sido, alguns anos antes, casada com Georges e se chamava Sylvia Bataille.

